


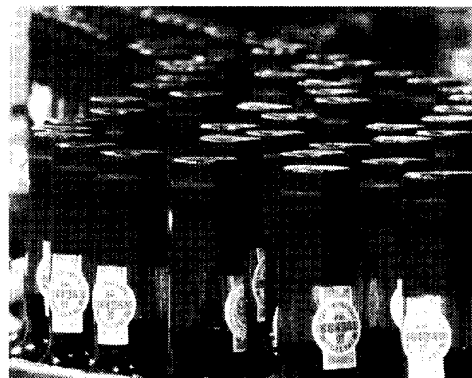
Tema: Sector Vitivinícola					Âmbito: Regional	
Título: Patrões da cortiça negam catástrofe no sector					Temática: Generalista	
2006/05/26	O EMIGRANTE – PRINCIPAL	Pág.33	Imagem: 1/1		Periodicidade: Semanal	Inv.: 1200.00

SECTOR DAS ROLHAS DE CORTIÇA

Patrões da cortiça negam catástrofe no sector

A indústria do sector não corre o risco de desaparecer a prazo, tem sabido adaptar-se aos novos desafios de mudança e tem diversificado os seus produtos. A garantia foi dada por Joaquim Lima, director-geral da Associação Portuguesa de Cortiça (APCOR), depois de um relatório daquela organização ter alertado para o perigo de desaparecimento de três quartos da floresta de sobreiro dentro de dez anos, caso se mantenha o actual ritmo de substituição da rolha de cortiça por vedantes sintéticos. O relatório refere que cerca de 62 mil pessoas poderão ficar no desemprego, com os consequentes prejuízos para as economias nacionais. "Se a quota de mercado dos sintéticos aumentar para 95 por cento, a produção de cortiça diminuirá para 19.500 toneladas em 2015, comparativamente às 300.000 actuais. Tal redução na colheita de cortiça colocaria quase dois terços da superfície de sobreiros em risco de conversão, abandono ou incêndios, em 2015", diz o estudo da WWF (World Wild Fund). A associação apela, por isso, à responsabilidade ambiental e social dos empresários do sector dos vinhos, para que não cedam à tentação de trocar as rolhas de cortiça natural pelos vedantes sintéticos. No entanto, a APCOR rejeita um cenário tão catastrofista, apesar de reconhecer que uma realidade assim representaria "o fecho do sector, a condenação à morte". Joaquim Lima salienta o peso da indústria da cortiça de Portugal no contexto mundial, já que tem a "responsabilidade" de liderar o sector na sua totalidade - desde o montado até à transformação. Portugal é o maior produtor

e exportador mundial de cortiça. "Nos últimos anos, houve um esforço muito grande de renovação, de compromisso com a mudança", disse o director geral da APCOR para quem, actualmente, "a indústria da cortiça está mais habilitada a responder aos desafios de mudança, devido à diversificação dos seus produtos". A Associação empresarial diz que o diagnóstico de uma organização ambientalista que apontava para perda de 62 mil empregos é exagerado. Os empresários da cortiça até apreciaram a preocupação da associação ecologista World Wild Fund (WWF), mas discordam do diagnóstico. Além disso, em países como a Inglaterra, os Estados Unidos da América e a Austrália têm vindo a ser levadas a cabo campanhas de marketing "muito fortes", já que é aqui que há um ataque mais feroz dos defensores dos vedantes sintéticos, juntamente com a África do Sul, o Chile e a Argentina. "Estes países estão a trabalhar numa nova atitude, porque não têm uma tradição vinhateira como a Europa", justifica. O resultado disso é que muitos dos defensores dos referidos vedantes estão agora a reconsiderar a sua opção e a utilizar rolhas de cortiça, garante Joaquim Lima. "Estamos a reduzir a nossa quota de problema. O consumidor prefere as rolhas de cortiça, que normalmente está associada a produtos de qualidade", disse. Embora reconheça que a opção pelo vedante sintético fica mais barato para os produtores de vinho, o director geral da APCOR acredita que quando os produtores desses mesmos países tomarem conhecimento real dos desenvolvimentos do controlo de qualidade



da cortiça, o cenário será alterado. Se no caso dos sete países mediterrânicos produtores de cortiça (Portugal, Espanha, Argélia, Marrocos, Tunísia, Itália e França), a mão-de-obra empregada ronda as 100 mil pessoas, em Portugal os empregos directos andam na casa dos 12 mil, num total de oito centenas de empresas. Quanto às exportações, cerca de 90 por cento do que é produzido destina-se ao mercado externo, num volume financeiro estimado em 900 milhões de euros. Perto de 60 por cento das transacções a nível mundial são de origem portuguesa, valor esse que sobe para 80 por cento quando se tratam de produtos já transformados. Joaquim Lima acrescenta que 70 por cento do volume de negócios das empresas nacionais reside na produção de rolha, sendo as regiões de Santa Maria da Feira e de Setúbal as mais significativas. Anualmente, são produzidas e vendidas à indústria vinícola de todo o mundo mais de 15 mil milhões de rolhas de cortiça, produto que pode ser reciclado na sua totalidade.